

# BETAR & ARTES & LETRAS

#94 | FEVEREIRO | 2018

## Festim

Festa do Cinema  
Itinerante da Língua  
Portuguesa

**B**  
Betar



## Há 45 anos na vanguarda da engenharia



### FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Caros leitores,

Decidimos dar uma nova vida à Artes&Letras para que possa ser, cada vez mais, uma agenda cultural interessante, no conteúdo, e agradável, à vista.

Uma das secções que vamos tentar recuperar, e que muito nos orgulha, é a Entrevista.

Como não poderia deixar de ser, esta edição conta com o testemunho do Arquitecto Manuel Aires Mateus, vencedor do Prémio Pessoa. Agradecemos a sua pronta disponibilidade para nos voltar a receber, desta vez, no seu novo atelier.

Quanto a eventos de interesse, destaque para a exposição sobre José de Almada Negreiros, patente no Museu Nacional de Soares dos Reis, em Lisboa. E, sem dúvida, para o “Festin: Festa do Cinema Itinerante da Língua Portuguesa”, que decorre no Cinema São Jorge.

No Porto, no Teatro Nacional de São João, a peça “Actores” parece também ser uma boa proposta para um momento de lazer cultural.

Voltamos a ter também sugestões fora de portas. A cultura é vasta demais para nos cingirmos a Portugal. No Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid, está em exposição uma coleção da Telefónica sobre Cubismo; e na Tate Modern, em Londres, podemos assistir a uma mostra de Modigliani.

Ambas a não perder!

E como temos uma vasta atividade em Moçambique, e muitos clientes e amigos, optámos também por dar a conhecer alguns dos eventos que por lá se realizam.

# BETAR

A segurança das infraestruturas é o objetivo fundamental de cada projeto da BETAR. A ponte de Boane, em Moçambique, apresentava situações críticas que a nossa intervenção resolveu



# A

intervenção da nova ponte ferroviária de Boane, em Moçambique, entre o porto de Maputo e a Suazilândia, teve como objetivo a reposição das condições de segurança da travessia ferroviária sobre o Rio Umbeluzi.

A solução para a nova ponte consistiu-se num tabuleiro misto aço-betão, com vigas de alma cheia (2.70m de altura) e painéis pré-fabricados, disposta 15 metros a jusante da ponte existente. Desenvolve-se ao longo de 340 metros (4 vãos centrais de 60m e 2 vão extremidade com 50m), apoiada em pilares em betão armado e fundação sobre maciço de estacas. Os encontros foram desenvolvidos com solução em cofre, no lado de Boane, para fixar o tabuleiro às ações horizontais, no lado de Goba.

Em fase de exploração, foram definidos aparelhos bloqueadores, no encontro de Boane, e aparelhos de dilatação de via em ambos os lados da ponte.

## Nova Ponte de Boane

Projeto: 2014  
País: Moçambique  
Obra: Mota Engil - 2015  
Dono de Obra: CFM  
Portos e Caminhos de Ferro de Moçambique

## À CONVERSA COM

# Manuel Aires Mateus

‘O cliente não desenha connosco mas nós desenhamos com a ambição dele, traduzindo a individualidade dele, e isso afasta-nos da banalidade da resposta’



## MANUEL AIRES MATEUS

### O que significa receber o Prémio Pessoa?

Temos de entender a seleção do Prémio Pessoa num enquadramento lato. Há vontade de reconhecer a arquitetura portuguesa e interesse em reconhecer uma geração. Fico muito contente que tenha sido eu, fui professor de muitos destes novos arquitetos, mas é preciso enquadrar desta maneira. Depois há outra questão, o trabalho de um arquiteto não é individual, envolve muita gente. Há a relação estreitíssima com o meu irmão, quer no ensino, quer na investigação de projetos, e este é também um atelier muito estável ao nível das pessoas, algumas estão cá há 20 anos e fazem parte desta construção. E também há muita gente para além dessa, desde logo a engenharia, de quem estamos muito próximos. Interessa-nos imenso o problema do limite, porque a arquitetura alimenta-se de dificuldades e precisa de limites pois são eles que, de alguma maneira, constroem as possibilidades de resposta. Eu fui o rosto de tudo isto.

### A nossa última conversa foi em 2011.

#### O que mudou nestes 7 anos?

Quando, agora, me mostrou essa agenda recordei-me que nessa altura estávamos a atravessar uma crise grave. Éramos um atelier pequeno, ficámos sem trabalho uns meses, foi uma crise de identidade também, e isso obrigou-nos a repensar tudo e duas coisas mudaram. Uma foi a consciência da possibilidade da manipulação do projeto, do programa, da relação do utente com o espaço e da

necessidade de pensar a forma como se habita. E o outro fator foi o tempo. Percebemos que não trabalhamos para um tempo, mas para o início de um tempo, o que fazemos não é para um momento finito mas para uma vida. Foi isso que se tornou mais claro para nós nestes anos que separam as nossas duas conversas. Depois atravessámos a outra crise, a que afetou toda a gente. Aí definimos muito bem que o nosso território era aqui e na Europa, decidimos que nos amarrávamos todos e tivemos sorte. Apareceu o projeto da EDP, que foi uma âncora, e marcámos o fim da crise no dia em que ganhámos Lausanne.

#### Continua a gostar de desenhar em papel e construir casas...

Desenhar é o meu trabalho, é o que eu faço, tenho sempre um caderno no bolso, outro na mala, vários sobre as mesas. Critico os trabalhos ou as maquetes desenhando por cima de plantas e cortes. Por outro lado, sempre houve no escritório um gosto por projetos pequenos, no caso da casa é por ser “a” casa, uma coisa muito vital. As pessoas apresentam o que precisam e isso é interessante de manipular. Gosto da ideia de uma coisa muito próxima, real. Depois há a discussão com o cliente com quem falamos 10 vezes mais e isso torna o projeto muito mais único. Temos sempre de ir à raiz da pergunta, o mais despojados possível, o que é difícil. O cliente da casa ajuda-nos nisso, torna o projeto mais independente e preciso. Não desenha connosco mas nós desenhámos com a ambição dele, traduzindo a individualidade dele, e isso



afasta-nos da banalidade da resposta. A casa é o programa mais aliciante, somos um atelier com muitas casinhas e, na realidade, se me telefonarem a dizer que querem um edifício, marcamos hora, se for uma casinha é muito mais rápido marcar essa hora.

#### Dá aulas e quer-me parecer que tem um atelier escola...

Sem dúvida, aliás, uma coisa que começámos a fazer foi dar formação dentro do atelier, a quem cá trabalha. Cursos de história, filosofia, desenho, fotografia, cinema... enfim, é uma forma de união. Pretendemos criar um universo de interpretação cultural do mundo. Outra coisa que queremos é ter alunos no atelier. É diferente de ter estagiários, são pessoas que não vêm trabalhar em nada do atelier, vêm fazer os trabalhos da faculdade de arquitetura beneficiando da experiência de quem cá trabalha. Mas também porque ensino há 30 anos e sempre tive consciência que aprendemos imenso a ensinar. E como não posso dizer a todos os meus colaboradores para irem ensinar, porque alguém tem de trabalhar, trazemos a experiência do ensino para cá, para

quem cá trabalha beneficiar também da experiência dos alunos. É uma relação nos dois sentidos.

#### Gostava que comentasse as transformações que estão a ocorrer na sua cidade.

Temos de olhar para o que está a acontecer em Lisboa pelo lado positivo do turismo, da renovação e do dinamismo da cidade, e pelo negativo que é a exclusão, de grande parte dos cidadãos, da possibilidade de viver em Lisboa. Caminhamos para transformar Lisboa numa cidade sem habitantes, ou com habitantes fantasma. Lisboa, como a conhecemos, já desapareceu e a cidade devia ser o lugar de todos mas principalmente dos que são nossos. Temos de legislar seriamente para controlar este lado negativo sob o risco da identidade da cidade se perder. É necessária uma intervenção urgente por parte do poder público. Não chega dizer que Lisboa está nas bocas do mundo, Veneza também está, não tem é venezianos. É preciso ir de forma energética à procura de soluções porque está a acontecer a uma velocidade enorme.

# SUGESTÕES

## ARTES



### José de Almada Negreiros Desenho em movimento

José de Almada Negreiros é inegavelmente uma figura ímpar do modernismo português. Esta exposição, que teve a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian, reúne noventa trabalhos que dão conta da importância da linguagem cinematográfica na obra plástica do artista. Serão apresentadas várias peças que estiveram expostas na mostra “José de Almada Negreiros: uma maneira de ser moderno”, mas há também muitas novidades e alguns trabalhos inéditos, descobertos já depois do encerramento da referida exposição.

**ATÉ 18 DE MARÇO**

Museu Nacional de Soares dos Reis, Lisboa

## TEATRO

### Actores

Durante os períodos de ensaio dos espetáculos, Marco Martins observou muitas vezes os atores nos intervalos do almoço ou nos camarins: aproveitavam essas pausas para decorar texto para as novelas ou séries que estavam a gravar na mesma altura. Durante muito tempo, isso incomodou-o. Depois, tornou-se interessante e deu origem a “Actores”, um espetáculo feito de relatos autobiográficos e textos representados pelos atores ao longo dos anos.

**DE 7 A 11 DE FEVEREIRO**



Teatro Nacional de São João, Porto  
Encenação: Marco Martins. Interpretação:  
Bruno Nogueira, Luísa Cruz, Miguel Guilherme,  
Nuno Lopes e Rita Cabaço.

A Artes&letras tem um novo look e uma ainda mais séria seleção de eventos culturais. Queremos que encontre uma peça, um concerto ou uma exposição que lhe desperte vontade de ir ver



## CINEMA

### Festin: Festa do Cinema Itinerante da Língua Portuguesa

Para além de revelar os novos talentos da produção cinematográfica lusófona, o Festim tem como objetivo aproximar realizadores experientes a futuros cineastas, fomentar a interculturalidade, a inclusão social, o intercâmbio cultural e promover encontros entre as diferentes expressões dos países lusófonos. Tendo como missão a difusão e o desenvolvimento do cinema nos países de língua portuguesa, a 9ª edição do festival propõe discutir o futuro do cinema e a sua contribuição como linguagem artística para a compreensão e a prática dos direitos humanos, da cidadania e da inclusão social.

**DE 27 DE FEVEREIRO A 6 DE MARÇO**

Cinema  
São Jorge, Lisboa

# MÚSICA E DANÇA



## Richie Campbell

**DIA 2 NA ALTICE ARENA, LISBOA**

Richie Campbell, um dos artistas mais bem-sucedidos da nova geração nacional, apresenta um dos mais ambiciosos concertos em nome próprio, que inclui, em primeira mão, a próxima mixtape da qual já são conhecidos os singles “Heaven” e “Do You No Wrong”, ambos galardão de ouro e platina, respetivamente.

## 27 ossos, por Tânia Carvalho

**DIAS 3 E 4 NO SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, LISBOA**

A coreógrafa Tânia Carvalho explicou que esta peça foi criada “de forma a parecer a memória de uma peça”. Essa espécie de memória enfraquecida foi ligada aos movimentos e sequências das cenas dos intérpretes e assim as cenas aparecem e desaparecem como quando nos estamos a tentar lembrar de algo.



## Mário Laginha e Pedro Burmester

**DIA 3 NA CASA DA MÚSICA, PORTO**

Laginha mais próximo do jazz, Burmester mais orientado para a interpretação de um repertório clássico, há pouco mais de 20 anos, os dois pianistas uniram inclinações musicais e iniciaram uma colaboração que resultou num disco (Duetos, 1994) e em muitos concertos pelo mundo.

## Catarina Real & Ângelo Cid Neto

**DIA 24 NO TEATRO MUNICIPAL DO CAMPO ALEGRE, PORTO**

Esta performance baseia-se numa espécie de troca de pensamentos. “Se alguém pensar alto: consegue habitar nesse pensamento? Catarina Real e Ângelo Cid Neto ensaiam juntos este enlace entre pensamentos onde a cada pensamento corresponde uma nudez.



## Concertos e óperas em fevereiro por António Cabral

### Fund. Calouste Gulbenkian

Transmissão da temporada de Ópera do MET de New-York

**3/2 ÀS 18 HORAS** (Grande Auditório)  
“TOSCA” de Giacomo Puccini

**10/2 ÀS 18 HORAS** (Grande Auditório)  
“L’ELISIR D’AMORE” de Gaetano Donizetti

**24/2 ÀS 18 HORAS** (Grande Auditório)  
“LA BOHÈME” de Giacomo Puccini

### CONCERTOS

**1/2 ÀS 21 HORAS E 2/2 ÀS 19 HORAS**  
(Grande Auditório)

Coro e Orquestra Gulbenkian; Dir. Laurence Equilbey; Thomas Hampson (bar.) e Miah Persson (s.) No programa duas obras primas: “Canções Bíblicas” (seleção) de Antonin Dvorak e “Um Requiem Alemão” de Johannes Brahms.

**4/2 ÀS 18 HORAS** (Grande Auditório)

A pianista Khatia Buniatishvili interpreta Brahms, Liszt, Tchaikovsky e Stravinsky.

**16/2 ÀS 21 HORAS** (Grande Auditório)

O grande pianista russo, Evgeny Kissin e o Kopelman Quartet, interpretam quartetos e quintetos de Mozart, Fauré e Dvorak.

**18/2 ÀS 12 E ÀS 17 HORAS** (Grande Auditório)

Dois concertos de valsas de Johann Strauss II, Ricardo Strauss e Maurice Ravel pela Orquestra Gulbenkian e o Maestro Lorenzo Viotti.

**21/2 ÀS 21 HORAS** (Grande Auditório)

A Royal Concertgebouw Orchestra Amsterdam, o maestro Samyon Bychkov e as pianistas Katia e Marielle Labèque interpretam obras de Wagner, Max Bruch e Chostakovich.

**23/2 ÀS 21 HORAS** (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian e o Maestro Pedro Neves num programa de obras em 1ª audição de Luís Antunes Pena (Portugal), Celso Loureiro Chaves (Brasil) e John Adams (E.U.A.).

### Centro Cultural de Belém

**1/2 ÀS 20; 4/2 ÀS 16 E 7/2 ÀS 20 HORAS**  
(Grande Auditório)

A ópera “Elektra” de Richard Strauss (1864-1949); Direção Musical Leo Hussain; Encenação Nicola Raab; Elenco: Elektra Nadja Michael, Chrysotemis Allison Oakes, Klytämnestra Lioba Braun, Oreste James Rutherford, Aegisth Marco Alves dos Santos; Coro do Teatro Nacional de São Carlos e Orquestra Sinfónica Portuguesa.

**8/2 ÀS 19 HORAS** (Sala Luís Freitas Branco)

Sandra Medeiros (s.) e Francisco Sassetti (pn.) interpretam Árias de Ópera do Sec. XVIII.

**18/2 ÀS 17 HORAS** (Grande Auditório)

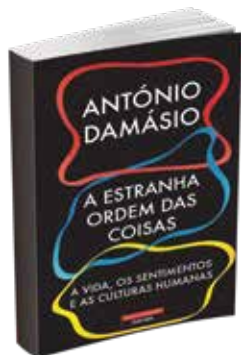
Orquestra Metropolitana; Dir. Eivind Gullberg Jensen, Nuno Inácio (fl.). Obras de C. Debussy (Prelúdio à Sesta de um Fauno), C. Nielsen (Concerto para Flauta e Orquestra), e M. Mussorgsky (Quadros de uma Exposição) (orq. M. Ravel).



# PARA LER

## Isabel Allende Para Lá do Inverno

Isabel Allende parte da célebre frase de Albert Camus para nos apresentar um conjunto de personagens próprios da América contemporânea que se encontram «no mais profundo inverno das suas vidas»: uma mulher chilena, uma jovem imigrante ilegal guatemalteca e um cauteloso professor universitário. Os três sobrevivem a uma terrível tempestade de neve que se abate sobre Nova Iorque e acabam por perceber que para lá do inverno há espaço para o amor e para o verão invencível que a vida nos oferece quando menos se espera. Para lá do inverno é um dos romances mais pessoais da autora: uma obra absolutamente atual que aborda a realidade da migração e a identidade da América de hoje através de personagens que encontram a esperança no amor e nas segundas oportunidades.



## António Damásio A Estranha Ordem das Coisas

Nesta obra, António Damásio afirma que os sentimentos - de dor, sofrimento ou prazer antecipado - foram as forças motrizes primordiais do empreendimento cultural, os mecanismos que impulsionaram o intelecto humano na direção da cultura. Além disso, propõe que os sentimentos monitorizaram o sucesso ou o fracasso das nossas invenções culturais e permanecem, ainda hoje, envolvidos nas operações subjacentes ao processo cultural, para o melhor e para o pior. A interação favorável e desfavorável de sentimento e razão deve ser reconhecida se quisermos compreender os conflitos e as contradições que afligem a condição humana, desde os dramas humanos pessoais até às crises políticas. Uma viagem ao início dos tempos e ao crescimento e desenvolvimento das culturas.



## Emir Kusturica Gato Preto, Gato Branco

**E**mir Kusturica é uma figura que não permite meias-medidas. Este cineasta, nascido em Sarajevo, tem uma forma muito peculiar de se expressar, quase kitsch; os seus filmes, com tanto de realismo como de fantasia e personagens muitas vezes bizarras e desfavorecidas, têm a capacidade de influenciar quem a eles assiste, amando-se ou odiando-se.

Em “Gato preto, gato branco”, de 1998, a história é contada de tal forma que rapidamente nos habituamos à estranha forma de ser - e de viver - dos seus personagens. Basicamente, há uma pequena comunidade cigana que vive acampada nas margens do Rio Danúbio; deste grupo destaca-se Matko, a figura central da ação. Ganha a vida com negócios obscuros com russos, o primeiro dos quais passa por desviar um comboio que transporta gasolina. Só que, para o conseguir, é forçado a pedir dinheiro emprestado ao padrinho da comunidade, Dadan. Como o plano corre mal, Matko fica em dívida para com Dadan e, por isso, é obrigado a permitir o casamento entre o seu filho e a irmã do padrinho.

Tudo isto, contado de uma forma divertida, muitas vezes irónica, recorrendo a música e a personagens marcantes, tornam este num filme especial, retratando de uma forma peculiar o dia-a-dia de uma pequena comunidade cigana, com todas as suas particularidades.

Um filme inesquecível  
por Cátia Teixeira

OPINIÃO

# NO MUNDO



## John Crawford Royal Albert Hall, Londres

O Hall's Verdi - Italian Kitchen é o lugar perfeito para relaxar, rir e comer bem com amigos e familiares, acompanhados por uma garrafa de vinho italiano. Para melhor desfrutar de um serão assim, assista ao concerto de John Crawford, um pianista que traz uma impressionante técnica musical para sua mistura de jazz, flamenco e latim e que já trabalhou com as lendas latinas Airto Moreira e Giovanni Hidalgo, bem como artistas do Reino Unido, como Snowboy e Roberto Pla. **DIA 9 DE FEVEREIRO**



## Coleção Telefónica: Cubismo(s) e experiências da Modernidade Museu Reina Sofía, Madrid

As visões e as histórias da experiência cubista às vezes são divergentes. O Cubismo é pronunciado no singular, mas o espaço criativo era plural. É certo falar sobre "Cubismo" mas outra visão, mais actual, tende a ser ampla e complexa e o entende como um processo prorrogado no tempo e nos protagonistas. O encontro da coleção da Telefónica com as coleções do Museu Reina Sofía é uma proposta a favor da concepção plural da experiência cubista. **DESDE 22 DE NOVEMBRO**



## Modigliani Tate Modern, Londres

Esta retrospectiva abrangente do trabalho de Modigliani apresenta obras representativas do seu estilo pictórico único e instantaneamente reconhecível. Os nus são um destaque da exposição. Um conjunto de obras sensuais, muito controversas quando foram exibidas pela primeira vez em 1917. A mostra apresenta ainda esculturas menos conhecidas, mas radicais e provocativas, bem como retratos de amigos, incluindo Pablo Picasso, Constantin Brancusi e Jeanne Hébuterne. **ATÉ 2 DE ABRIL**

# MOÇAMBIQUE



## MÚSICA

## Noite de Guitarra, Vol.II Universidade Eduardo Mondlane, Maputo

A BDQ Concertos apresenta a segunda edição do projeto "Noite de Guitarra", espetáculo integrado na plataforma Moments of Jazz. Desta vez, o concerto será levado a cabo pelos guitarristas Richard Bonna, Ernie Smith, Albino Mbié e Jimmy Dlundu, considerado o pai do Afro-Jazz, que já esteve presente na primeira edição do evento a apresentar temas emblemáticos da sua multifacetada carreira artística. Na mesma altura, é possível ver a exposição de pintura "Sinfonias 2" de P. Mourana, patente nas instalações da Universidade Eduardo Mondlane. **DIA 2 DE MARÇO**

## ARTES

## Paradox of Paradise Centro Cultural Franco- Moçambicano, Maputo

A mostra "Paradox of Paradise", do fotógrafo ganês Nii Obodai com curadoria de Christine Cibert (França), explora o relacionamento do artista com o meio ambiente, como um espaço vivo e mitológico vinculado por histórias. Saindo das restrições da linguagem e da literalidade banal da visão, o fotógrafo circula pela paisagem numa fuga para outras realidades do mundo. As fotografias, do espaço a que chamamos Moçambique, "são metáforas visuais que evocam o que está além da forma visível. Procuram reunir as contradições da nossa existência e a reverente beleza da natureza."

**ATÉ 3 DE MARÇO**







# Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA  
DA ENGENHARIA**



Ponte sobre  
o rio Zambeze  
Caia, Moçambique